

DOMINGO V DO TEMPO COMUM

CIC 782: o povo de Deus, sal da terra e luz do mundo

- 782** O povo de Deus possui características que o distinguem nitidamente de todos os agrupamentos religiosos, étnicos, políticos ou culturais da história:
- é o povo *de Deus*: Deus não é propriedade de nenhum povo; mas adquiriu para Si um povo constituído por aqueles que outrora não eram um povo: «raça eleita, sacerdócio real, nação santa» (1 Pe 2, 9);
 - vem-se a ser *membro* deste povo, não pelo nascimento físico, mas pelo «nascimento do Alto», «da água e do Espírito» (Jo 3, 3-5), isto é, pela fé em Cristo e pelo Baptismo;
 - este povo tem por *Cabeça* Jesus Cristo (o Ungido, o Messias): porque a mesma unção, o Espírito Santo, flui da Cabeça por todo o Corpo, este é o «povo messiânico»;
 - «a *condição* deste povo é a dignidade da liberdade dos filhos de Deus: nos seus corações, como num templo, reside o Espírito Santo»¹;
 - «a sua *lei* é o mandamento novo, de amar como o próprio Cristo nos amou²; é a lei «nova» do Espírito Santo³;
 - a sua missão é ser o sal da terra e a luz do mundo⁴. «Constitui para todo o género humano o mais forte germen de unidade, esperança e salvação»⁵;
 - o seu destino, finalmente, é «o Reino de Deus, o qual, começado na terra pelo próprio Deus, se deve dilatar cada vez mais, até ser também por Ele consumado no fim dos séculos»⁶.

CIC 2044-2046: vida moral e testemunho missionário

2044 A fidelidade dos baptizados é condição primordial para o anúncio do Evangelho e para a *missão da Igreja no mundo*. Para manifestar diante dos homens a sua força de verdade e irradiação, a mensagem de salvação deve ser autenticada pelo testemunho de vida dos cristãos. «O testemunho de vida cristã e as obras realizadas com espírito sobrenatural são meios poderosos para atrair os homens à fé e a Deus»⁷.

2045 Porque são membros do corpo cuja cabeça é Cristo⁸, os cristãos contribuem, pela constância das suas convicções e dos seus costumes, para a *edificação*

¹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 9: AAS 57 (1965) 13.

² II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 9: AAS 57 (1965) 13; cf. Jo 13, 34.

³ Cf. Rm 8, 2; Gl 5, 25.

⁴ Cf. Mt 5, 13-16.

⁵ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 9: AAS 57 (1965) 13.

⁶ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 9: AAS 57 (1965) 13.

⁷ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Apostolicam actuositatem*, 6: AAS 58 (1966) 842.

⁸ Cf. Ef 1, 22.

*da Igreja. A Igreja cresce, aumenta e desenvolve-se pela santidade dos seus fiéis*⁹, até ao «estado do homem perfeito, à medida da estatura de Cristo na sua plenitude» (*Ef* 4, 13).

2046 Vivendo segundo Cristo, os cristãos *apressam a vinda do Reino de Deus*, do «Reino da justiça, da verdade e da paz»¹⁰. Mas nem por isso descutam as suas tarefas terrestres. Fiéis ao seu mestre, cumprem-nas com rectidão, paciência e amor.

CIC 2443-2449: a atenção às obras de misericórdia, amor dos pobres

2443 Deus abençoa os que ajudam os pobres e reprova os que deles se afastam: «Dá a quem te pede; não voltes as costas a quem pretende pedir-te emprestado» (*Mt* 5, 42). «Recebestes gratuitamente; pois dai também gratuitamente» (*Mt* 10, 8). É pelo que tiverem feito pelos pobres, que Jesus reconhecerá os seus eleitos¹¹. Quando «a boa-nova é anunciada aos pobres» (*Mt* 11, 5)¹², é sinal de que Cristo está presente.

2444 «O amor da Igreja pelos pobres [...] faz parte da sua constante tradição»¹³. Esse amor inspira-se no Evangelho das bem-aventuranças¹⁴, na pobreza de Jesus¹⁵ e na sua atenção aos pobres¹⁶. O amor dos pobres é mesmo um dos motivos do dever de trabalhar: para «poder fazer o bem, socorrendo os necessitados»¹⁷. E não se estende somente à pobreza material, mas também às numerosas formas de pobreza cultural e religiosa¹⁸.

2445 O amor dos pobres é incompatível com o amor imoderado das riquezas ou com o uso egoísta das mesmas:

«E agora, ó ricos, chorai em altos brados por causa das desgraças que virão sobre vós. As vossas riquezas estão podres e as vossas vestes roídas pela traça. O vosso oiro e a vossa prata enferrujaram-se e a sua ferrugem servirá de testemunho contra vós e devorará a vossa carne como o fogo. Entesourastes, afinal, para os vossos últimos dias! Olhai que o salário que não pagastes aos trabalhadores que ceifaram os vossos campos está a clamar; e os clamores dos ceifeiros chegaram aos ouvidos do Senhor do universo! Tendes vivido na terra entregues ao luxo e aos prazeres, cevando assim os vossos apetites... para o dia da matança! Condenastes e destes a morte ao inocente, e Deus não vai opor-se?» (*Tg* 5, 1-6).

2446 São João Crisóstomo lembra com vigor: «Não fazer os pobres participar dos seus próprios bens é roubá-los e tirar-lhes a vida. Não são nossos, mas deles,

⁹ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 39: AAS 57 (1965) 44.

¹⁰ *Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do universo, Prefácio: Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p. 381 [*Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, p. 429].

¹¹ Cf. *Mt* 25, 31-36.

¹² Cf. *Lc* 4, 18.

¹³ JOÃO PAULO II, Enc. *Centesimus annus*, 57: AAS 83 (1991) 862-863.

¹⁴ Cf. *Lc* 6, 20-22.

¹⁵ Cf. *Mt* 8, 20.

¹⁶ Cf. *Mc* 12, 41-44.

¹⁷ Cf. *Ef* 4, 28.

¹⁸ Cf. JOÃO PAULO II, Enc. *Centesimus annus*, 57: AAS 83 (1991) 863.

os bens que aferrolhamos»¹⁹. «Satisfaçam-se, antes de mais, as exigências da justiça e não se ofereça como dom da caridade aquilo que é devido a título de justiça»²⁰:

«Quando damos aos indigentes o que lhes é necessário, não lhes ofertamos o que é nosso; limitamo-nos a restituir-lhes o que lhes pertence. Mais do que praticar uma obra de misericórdia, cumprimos um dever de justiça»²¹.

2447 As obras de misericórdia são as acções caridosas pelas quais vamos em ajuda do nosso próximo, nas suas necessidades corporais e espirituais²². Instruir, aconselhar, consolar, confortar, são obras de misericórdia espirituais, como perdoar e suportar com paciência. As obras de misericórdia corporais consistem nomeadamente em dar de comer a quem tem fome, albergar quem não tem tecto, vestir os nus, visitar os doentes e os presos, sepultar os mortos²³. Entre estes gestos, a esmola dada aos pobres²⁴ é um dos principais testemunhos da caridade fraterna e também uma prática de justiça que agrada a Deus²⁵:

«Quem tem duas túnicas reparta com quem não tem nenhuma, e quem tem mantimentos, faça o mesmo» (Lc 3, 11). «Dai antes de esmola do que possuis, e tudo para vós ficará limpo» (Lc 11, 41). «Se um irmão ou uma irmã estiverem nus e precisarem do alimento quotidiano, e um de vós lhe disser: “Ide em paz; tratai de vos aquecer e de matar a fome”, mas não lhes der o que é necessário para o corpo, de que lhes aproveitará?» (Tg 2, 15-16)²⁶.

2448 «Sob as suas múltiplas formas: indigência material, opressão injusta, doenças físicas e psíquicas, e finalmente a morte, a *miséria humana* é o sinal manifesto da condição congénita de fraqueza em que o homem se encontra desde o primeiro pecado e da necessidade que tem de salvação. Foi por isso que ela atraiu a compaixão de Cristo Salvador, que quis tomá-la sobre Si e identificar-Se com os “mais pequenos de entre os seus irmãos”. E por isso, os que se sentem acabrunhados por ela são objecto de *um amor preferencial* por parte da Igreja que, desde o princípio, apesar das falhas de muitos dos seus membros, nunca deixou de trabalhar por aliviá-los, defendê-los e libertá-los; fê-lo através de inúmeras obras de beneficência, que continuam indispensáveis, sempre e em toda a parte»²⁷.

2449 Desde o Antigo Testamento, toda a espécie de medidas jurídicas (ano de remissão, interdição de empréstimos a juros e da retenção dum penhor, obrigação do dízimo, pagamento quotidiano da jorna, direito de apanhar os restos da vindima e da ceifa) são uma resposta à exortação do Deuterónimo: «Nunca faltarão os pobres na terra; por isso, faço-te esta recomendação: abre, abre a mão para o teu irmão, para o pobre e necessitado que estiver na tua terra» (Dt 15, 11). E Jesus faz sua esta palavra: «Pobres, sempre os haveis de ter convosco; a Mim, nem sempre Me tereis» (Jo 12, 8). Com isto não faz caducar

¹⁹ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, *In Lazarum*, concio 2, 6: PG 48, 992.

²⁰ II CONCÍLIO DO VATICANO, *Decr. Apostolicam actuositatem*, 8: AAS 58 (1966) 845.

²¹ SÃO GREGÓRIO MAGNO, *Regula pastoralis*, 3, 21, 45: SC 382, 394 (PL 77, 87).

²² Cf. *Is* 58, 6-7; *Heb* 13, 3.

²³ Cf. *Mt* 25, 31-46.

²⁴ Cf. *Tb* 4, 5-11; *Sir* 17, 18.

²⁵ Cf. *Mt* 6, 2-4.

²⁶ Cf. *1 Jo* 3, 17.

²⁷ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Instr. Libertatis conscientia*, 68: AAS 79 (1987) 583.

a força dos oráculos antigos: «Compraremos os necessitados por dinheiro e os pobres por um par de sandálias» (Am 8, 6), mas convida-nos a reconhecer a sua presença na pessoa dos pobres que são seus irmãos²⁸:

No dia em que a sua mãe a repreendeu por manter em sua casa pobres e doentes, Santa Rosa de Lima respondeu-lhe: «Quando servimos os pobres e os doentes, é a Jesus servimos. Não devemos cansar-nos de ajudar o nosso próximo, porque nele servimos a Jesus»²⁹.

CIC 1243: os batizados (neófitos) são chamados a ser a luz do mundo

1243 A *veste branca* simboliza que o batizado «se revestiu de Cristo»³⁰: ressuscitou com Cristo. A *vela*, acesa no círio pascal, significa que Cristo iluminou o neófito. Em Cristo, os batizados são «a luz do mundo» (Mt 5, 14)³¹. O recém-batizado é agora filho de Deus no seu Filho Único e pode dizer a oração dos filhos de Deus: O *Pai-Nosso*.

CIC 272: Cristo crucificado é sabedoria de Deus

272 A fé em Deus Pai todo-poderoso pode ser posta à prova pela experiência do mal e do sofrimento. Por vezes, Deus pode parecer ausente e incapaz de impedir o mal. Ora, Deus Pai revelou a sua onipotência do modo mais *misterioso*, na humilhação voluntária e na ressurreição do seu Filho, pelas quais venceu o mal. Por isso, Cristo crucificado é «força de Deus e sabedoria de Deus. Pois o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens, e o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens» (1 Cor 1, 24-25). Foi na ressurreição e na exaltação de Cristo que o Pai «exerceu a eficácia da [sua] poderosa força» e mostrou a «incomensurável grandeza que representa o seu poder para nós, os crentes» (Ef 1, 19-22).

²⁸ Cf. Mt 25, 40.

²⁹ P. HANSEN, *Vita mirabilis [...] venerabilis sororis Rosae de sancta Maria Limensis* (Romae 1664) p. 200.

³⁰ Cf. Gl 3, 27.

³¹ Cf. Fl 2, 15.